

Ex-Miss Maranhão,
Rosimar Salgueiro
conserva traços de
uma beleza eterna

PAGS. 4 e 5



Rosimar Guimarães Salgueiro ao lado do marido José Carlos Salgueiro na comemoração dos seus bem vividos 79 anos, na casa de chá do Champ´s Mall, na Península da Ponta d´Areia

Mariléa e Gerson
Costa Filho passaram
o Réveillon na
Serra Gaúcha (RS)

PAG. 6



Divulgação/Herbert Alves



PARA
este primeiro fim de
semana de 2026, a beleza
jovem de Isabela Waquim, com
seu sorriso iluminado
e muita alegria de viver, abre
esta edição semanal
do PH Revista

Sou do tempo em que a cidade de São Luís se encontrava na Praça João Lisboa. Havia, logo no seu vestibulo, a “Fonte Maravilhosa”-misto de café e lanches rápidos, hoje transformado em ruínas. Na sequência, perfilavam-se outras “salas-de-estar” da cidade: o Moto Bar, com suas mesas com tampo de mármore Carrara, a barbearia “Salão Pompeu”, os dois abrigos – o Velho e o Novo –, o restaurante da sede social do Litéro e o “Senadinho”, cuja sede era um banco da praça onde fofoqueiros ilustres se reuniam à noite para passar a cidade a limpo. Quem não parasse para um dedo de prosa nesse perímetro, das duas uma: ou já havia embarcado para “São Pedro”, com escala em São Paulo, ou não era um são-luisense genuíno. É preciso ter pelo menos meio século de vida adulta para descobrir-se numa cidade sem rosto. Hoje, ali na esquina da Rua do Sol com a Rua do Egito, o nativo bem que poderia repetir Henry James, o romancista nova-iorquino, que também testemunhou a metamorfose de sua aldeia, ao ponto de não

AS BELAS RUAS
de São Luís tinham nomes que remetiam
a uma paisagem ou a um sentimento

reconhecê-la mais:
– É um melting plot- lamentou, querendo dizer, “é uma geléia geral”...
O rosto mais conhecido que pude identificar em meu último passeio pelo quarteirão foi o do “Sr. Inconsciente Coletivo”. Uma síntese de várias gerações, empilhadas umas sobre as outras-um rosto “impessoal”, perdoado o paradoxo.
O “Inconsciente Coletivo” é a prateleira de tipos populares que, um dia, decorou o lugar. É o acúmulo de conversas, piadas, causos, opiniões, gargalhadas, lamentações ou euforias-é o museu vivo de um cotidiano armazenado há séculos, desde os tempos em que

as ruas da cidade eram batizadas com “nomes” mais poéticos e menos untuosos.
Nunca canso de me repetir. Sábios foram os portugueses “alfacinhas”, lisboetas natos, que deram nomes simples e pitorescos às ruas de sua bela Lisboa. Nomes simples, sonantes, encantadores, ditados pelo “Inconsciente Coletivo”, a verdadeira alma do povo. Até hoje vigoram na “velha cidade” à beira do Tejo os nomes cintilantes e imaginosos. Rua da Alegria. Travessa da Glória. Rua da Paz. Rua dos Fanqueiros. Rua do Salitre. Rua dos Cordoeiros. Travessa do Quebra-Pentes, Avenida da Liberdade. E assim foi até que os espelhos de Lisboa passassem a

refletir o ego do Marquês de Pombal. Aí, tudo passou a ser “pombalino” na Lisboa dos pregões seculares.
Mas voltemos ao Centro de São Luís. O calçadão da Rua Grande ou da Rua de Nazareth e Odylo é uma colméia fervente, todos se cruzam e ninguém se cumprimenta. A aldeia perdeu o próprio rosto. Só é reconhecível pelo “Sr. Inconsciente”.
É dele que ouço outras reminiscências. Aqui também as famílias moravam em ruas de nomes amáveis e naturais. Os bairros se chamavam Areal, Jordoa, Cavaco, Madre Deus, Desterro, Camboa, Fé em Deus, Turu, Olho d´Água, Calhau, Anil.
Nossa rua principal mudou o nome para Oswaldo Cruz. Mas a voz do povo nunca deixou de chamá-la de Rua Grande. Tal e qual a Rua do Sol, Rua da Paz, Rua dos Afogados, Rua da Inveja, Rua do Passeio, Rua dos Veados, Rua de Santana, Rua do Norte, Rua dos Afogados, Rua do Egito, etc.
Nomes que valorizavam uma paisagem ou um sentimento. E evitavam o “puxa-saquismo” explícito.



REGISTRO das famílias Murad, Lago e Sarney reunidas para uma foto de recordação do bonito casamento de Eduardo Murad Lago e Ana Luíza Coutinho, realizado em novembro de 2025: Juliana Murad e a filha Maitê, Renata Murad, Ana Clara Sarney e a filha Maria Júlia, Gabriela Murad, Ana Theresa Sarney, Rosa Murad Lago e a neta Sol, Maria Fernanda Sarney e a filha Maria Sofia, Teresa Cristina Murad Sarney, Tatiana Murad, Maria Luíza e Giovanna, Helena Murad e Fátua Murad

As grandes potências

Em 2026, a disputa entre as grandes potências continuará como o eixo central da instabilidade mundial.

Difícilmente haverá uma reaproximação genuína entre rivais estratégicos. O que pode ocorrer é uma gestão mais cuidadosa dos conflitos, com linhas vermelhas mais claras e maior esforço para evitar confrontos diretos.

O multilateralismo, enfraquecido nos últimos anos, pode ganhar um fôlego pragmático. Não por convicção, mas por necessidade.

Fóruns internacionais voltam a ser usados como espaços de contenção, ainda que sem grandes ambições transformadoras.

O mundo parece caminhar para um equilíbrio instável: menos explosivo do que antes, mas longe de pacificado. No fim das contas, 2026 não promete um mundo melhor, mas talvez um pouco menos desordenado.

A expectativa realista não é de paz plena, e sim de uma leve redução do ruído, da intensidade dos confrontos e do discurso beligerante.

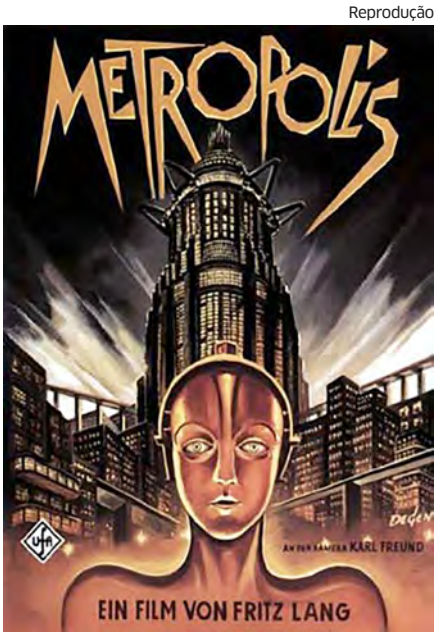
Se isso acontecer, já será um avanço considerável para os padrões atuais.



PRESIDENTE do Grupo Mulheres Solidárias, em São Paulo, a ex-prefeita de Cruzeiro, no Vale do Paraíba (SP), Ana Karin Andrade, passou as festas de fim de ano em São Luís, comemorou sua nova idade, dia 26 de dezembro de 2025, com a família e foi homenageada por um grupo de amigos no Restaurante Cabana do Sol, entre os quais este Repórter PH e o executivo empresarial Benjamin Franklin Alves



HÁ MUITOS anos radicada no Rio de Janeiro, a Miss Maranhão 1973, Ana Maria Freire, passou o Réveillon em Natal/RN, na praia de Cotovelo, no resort In Mare Bali, reunida com a família: seu marido Celso de Oliveira Lima, seus irmãos e cunhadas – Francisco Assis (médico residente há muitos anos em Natal) e esposa Socorro Guterres de Sousa (escritora e poetisa), Fátima Martins (pediatra em São Luís e esposa de José Reinaldo), e Sara, atualmente cursando Direito (esposa de José de Ribamar



Filme que “previu” como seria 2026

Há quase 100 anos, um filme tentou antecipar como seria a vida em 2026. Metrôpolis, do diretor austríaco Fritz Lang, nasceu de um romance da esposa do cineasta, a alemã Thea von Harbou. O longa-metragem mais caro já realizado até então, a obra do casal foi considerada controversa e acabou fracassando nas bilheterias.

Com o tempo, Metrôpolis ganhou o status de clássico do cinema e é considerado uma das principais peças do movimento que ficou conhecido como Expressionismo Alemão. E um século após a sua criação, o filme aparece como um alerta disfarçado de ficção.

O impacto da obra do cinema mudo não está em “acertar” detalhes da atualidade. Não há, por exemplo, smartphones nem internet no enredo da distopia. A genialidade do casal reside em mapear, ao longo do filme lançado nos cinemas em 1927, o que pode ser descrito como uma engenharia de dominação.

O longa-metragem fez uma série de advertências sobre temas absolutamente contemporâneos. Metrôpolis discute em duas horas e meia de duração questões como controle, manipulação, mecanização do trabalho e inteligência artificial.

O enredo de Metrôpolis

O filme se passa em uma cidade futurista dividida entre duas classes. Na superfície, a elite vive em luxo. No subsolo, operários trabalham exaustivamente.

Nesse cenário, Freder (Gustav Fröhlich), filho de Joh Fredersen (Alfred Abel), o poderoso líder da cidade, descobre a realidade dos trabalhadores ao se apaixonar por Maria (Brigitte Helm), uma figura carismática que prega a conciliação entre as classes.

O conflito se intensifica quando o cientista Rotwang (Rudolf Klein-Rogge) cria uma androide com a aparência de Maria para incitar a revolta dos operários. Enquanto a falsa Maria promove a desordem, a verdadeira Maria e Freder tentam evitar a destruição da cidade.

A “profecia” do controle das massas

O filme acerta ao mostrar que a dominação moderna não se faz apenas com cercas. A estratégia de Fredersen de usar um robô com a aparência de uma líder confiável para manipular e semear o caos é o rascunho exato das campanhas de desinformação atuais.

Em 2026, o controle não emana de uma torre física, como em Metrôpolis. São os algoritmos que monitoram o “crédito social” e moldam o comportamento das massas através de telas. A manipulação da verdade para manter o status quo é, talvez, a previsão mais assustadora de Harbou e Lang.

Acertos sobre comunicação

Muito antes do telefone celular, do Skype ou Zoom, Lang previu a comunicação instantânea por vídeo. O filme mostra Joh Fredersen em seu escritório operando um aparelho fixado na parede com uma tela circular e um fone de ouvido. Ele gira botões para sintonizar a imagem e falar com seus subordinados em tempo real.

Antes do telefone celular, Lang previu em Metrôpolis a comunicação instantânea por vídeo. (Foto: Divulgação)

A arquitetura de Metrôpolis é composta por desfiladeiros de prédios onde aviões e carros circulam entre as janelas dos escritórios em passarelas que cortam o céu. Embora ainda não existam carros voadores, o filme acerta ao sugerir a construção de megalópoles hiperconectadas.

Hoje, com o desenvolvimento de drones de entrega e táxis aéreos (eVTOLs) previstos para os próximos anos, a rua deve deixar o chão e passar para o espaço aéreo entre os edifícios.

O escritório do vilão tem luzes, botões e indicadores. É um centro de comando que centraliza toda a cidade em um único lugar. Exatamente como os centros de comando digitais de hoje.

O escritório do vilão de Metrôpolis tem luzes, botões e indicadores para comandar as pessoas. (Foto: Reprodução/Domínio Público)

A mecanização do trabalho

Harbou também descreveu com precisão o sentimento de que o homem deixaria de ser o mestre da ferramenta para ser um apêndice descartável dela. No filme, os operários se movem como peças de um relógio, sem individualidade.

Hoje, os tempos são de trabalho informal e instável graças à tecnologia: do entregador de aplicativo ao analista de dados, o ritmo é ditado pela “eficiência do sistema”. O conservadorismo clássico sempre defendeu que o trabalho deve elevar a alma e Metrôpolis previu o momento em que o trabalho se tornaria apenas uma engrenagem desconectada de qualquer propósito.

A hiper-industrialização

A hiper-industrialização imaginada em Metrôpolis refletia o horizonte tecnológico dos anos 1920: fábricas monumentais, engrenagens gigantes e trabalho físico extremo. Era uma distopia moldada pela lógica da linha de montagem e pela memória da Revolução Industrial.

Em 2026, esse cenário não se confirmou da forma prevista. O controle não depende mais de alavancas colossais nem de turnos extenuantes. A eficiência e a dominação operam em algoritmos, bancos de dados e plataformas digitais.

O ser humano não é mais esmagado pela máquina. Hoje, os trabalhadores estão sendo, progressivamente, substituídos por automações, métricas e sistemas que decidem o futuro da vida cotidiana.

Errou ao sugerir conciliação

Ao sugerir que o conflito estrutural entre capital e trabalho poderia ser resolvido por um gesto de conciliação, Metrôpolis apostou numa saída que hoje soa ingênua. Era uma solução coerente com o espírito reformista da época.

Em 2026, o abismo se tornou ainda mais difuso. A elite tecnocrata não se apresenta mais como um padrão visível. As decisões são tomadas por sistemas automatizados, acionistas e plataformas globais. O conflito é informacional, político e cultural.

Como toda grande obra artística, Metrôpolis comporta múltiplas interpretações. Mas uma lição é clara: sem um retorno aos valores fundamentais que colocam o ser humano acima da métrica de produtividade, corremos o risco de nos tornarmos os operários anônimos a serviço da tecnologia.



Fotos/PH

COM UM ALMOÇO em família na residência maranhense de seus pais, dona Marly e o ex-presidente José Sarney, no Calhau, o empresário Fernando Sarney celebrou no dia 7 seus bem vividos 70 anos, ao lado do seu irmão Sarney Filho – Roseana, mesmo em São Paulo fazendo tratamento de saúde, esteve presente em videochamada para festejar a nova idade do irmão. Embaixo, o setentão Fernando Sarney ladeado pela filha Maria Adriana e a esposa Teresa Murad Sarney, atrás dos pais José e Marly Sarney, soprou as velas do bolo de aniversário



O tempo nos mata

Na São Luís de 1966 – dois anos antes do AI-5, na fase menos virulenta da "Redentora" – não havia lombadas, nem assaltos, nem mafuás ou garagens de ônibus no aterro. Aliás, nem havia aterro. São dessa época as crônicas de Lago Burnett, criando uma espécie de Leopold Bloom da terra – não a Dublin de Joyce, mas a São Luís de José Chagas. O retrato da vida “no outro lado da ponte”. A vida dos mais jovens que faziam a travessia da ponte a pé. Era a vantagem de ser jovem e não precisar de transporte para alcançar a praia. Até hoje não tenho a menor dúvida dessa circunstância, até porque é sempre maravilhoso ser jovem em qualquer lugar e em qualquer situação... Os velhos barcos sem leme estavam se aposentando e eu delirava com as vitórias desse mesmo Botafogo, enriquecido de Mané Garrincha. Mais

importante: as meninas do Colégio Santa Teresa pareciam jovens Ingrid Bergmans em seus uniformes azul e branco, saias plissadas, que a versão de gala transformava em grenás. Trânsito manso como o daquelas tardes fagueiras, só fui encontrar num domingo de 1982, em Dusseldorf, na Alemanha. Era o exemplo do dócil trânsito de São Luís, início dos anos 1960: ir de bicicleta da Praça João Lisboa até a Praça Gonçalves Dias, levava cinco minutos. A bordo de um romântico bonde, dez minutos. Um dia desses, cumpri o mesmo percurso, de carro, via Rua dos Afogados, em 40 minutos, graças a uma passeata de "servidores". O fluxo de veículos era “normal”, a três quilômetros por hora. De dentro dos carros, naquela época, podia-se ouvir a conversa do “comadrio” nas calçadas da Rua da Paz e da Rua do Sol, a vizinhança ligada no

rádio que mandava para o éter Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Nat King Cole, Chubby Checker, Elvis Presley – e, por fim, inaugurando a nova década, os besouros cabeludos de Liverpool. Não há nada mais delirante nesta São Luís do século 21 do que o trânsito – com os automóveis tomando o lugar das árvores, das calçadas. Poucas cidades sofreram tamanha brutalização em 50 anos. Em 1960, não só era possível atravessar-se as ruas do centro lendo um jornal, comprado na banca do Mondego, como era natural fazê-lo cumprimentando os motoristas, que gentilmente “contornavam” o pedestre para não perturbar a leitura. Como diria Machado de Assis, o bruxo do Cosme Velho: – O tempo não passa. Nós é que mudamos. Matamos o tempo; o tempo nos mata.

As guerras continuam

Os conflitos armados que se arrastam por anos entraram numa fase de desgaste humano, econômico e diplomático. Em diferentes regiões, guerras deixaram de ser episódios excepcionais para se tornarem parte da paisagem cotidiana. Em 2026, não há sinais claros de soluções rápidas, mas

começa a surgir uma pressão silenciosa: a fadiga das sociedades envolvidas e o custo crescente para quem financia e sustenta esses confrontos. Negociações indiretas, cessar-fogos frágeis e iniciativas multilaterais tímidas podem ganhar algum espaço, não por altruísmo, mas por pragmatismo.

Manter guerras abertas tornou-se caro demais, inclusive para potências que delas se beneficiam estrategicamente. Ainda assim, esperar grandes acordos de paz seria ilusório. O mais provável é um cenário de conflitos “congelados”, menos intensos, porém longe de serem resolvidos.

Radicalismo

O radicalismo político é um dos principais fatores de instabilidade. A polarização extrema, alimentada por redes sociais, desinformação e discursos identitários, molda eleições e governos. Em 2026, o fenômeno não deve desaparecer, mas pode perder ímpeto. A experiência recente mostrou que promessas simplistas raramente se sustentam diante da realidade econômica e social. Há sinais de que parcelas do eleitorado começam a buscar discursos menos incendiários e mais pragmáticos, sobretudo diante da inflação persistente, do desemprego e da insegurança social. Ainda assim, o radicalismo não recua por completo: ele se adapta, muda de linguagem e continua sendo uma ferramenta poderosa para as lideranças que prosperam no conflito permanente.

A economia

As sanções econômicas e as taxações cruzadas redesenharam o comércio global. Cadeias de produção foram encurtadas, alianças comerciais se tornaram mais políticas do que econômicas e o custo final recaiu sobre consumidores e empresas. Em 2026, a tendência é de ajustes, não de ruptura. O discurso de desacoplamento entre blocos perde força à medida que os efeitos colaterais se tornam evidentes. Grandes economias buscam, discretamente, reduzir tensões comerciais, flexibilizar sanções seletivas e reabrir canais de negociação. Não se trata de um retorno ao livre comércio irrestrito, mas de uma tentativa de tornar o sistema menos disfuncional. A economia global precisa respirar, e isso pode forçar gestos de distensão, ainda que limitados.

Ciclos na vida

Os psicólogos destacam que entender a vida como um processo, com ciclos e etapas necessárias, é um dos melhores remédios contra ansiedade e frustração. É desejável aceitar a vida como ela está sendo – e não como gostaríamos que fosse –, pois ela não é estática. A ansiedade, o imediatismo e o hedonismo são inimigos da serenidade necessária para tomar decisões assertivas no presente. Querer que os ciclos sejam mais rápidos pode ser a manifestação egocêntrica querendo as coisas na hora que eu quero, buscando atalhos, comprando a prazo e mais caro e comendo fruta verde porque não espero amadurecer. Mas é justamente na habilidade que desenvolvo ao lidar com os processos de renovação e ciclos à medida que eles passam que me fortaleço para lidar de forma mais assertiva e serena com outros que virão, porque virão.

DESTAQUE DA CAPA

Herbet Alves



Abela Isabela Waquim é o destaque de Capa do PH Revista deste fim de semana – e é vista abraçada com sua avó Luzia Waquim na festa de Réveillon

Algoritmos não almoçam

O setor de alimentação fora do lar no Brasil deve movimentar R\$ 241 bilhões em 2025, com crescimento estimado de 6,25%, segundo projeções do Instituto Food Service Brasil (IFB). No segundo trimestre de 2025, o segmento registrou o maior faturamento da história (R\$ 62,4 bilhões), impulsionado pelo canal de delivery, que foi o único a mostrar crescimento (11% em relação a 2024). Dentro desse contexto macro, o delivery já representa uma fatia relevante no faturamento dos restaurantes.

Algoritmos não almoçam...2

Pesquisa da Abrasel aponta que os marketplaces respondem por 54% do faturamento com delivery, seguidos por WhatsApp, com 26%. Há ainda avaliações de que o delivery chega a responder por até 30% do faturamento de alguns estabelecimentos. Mas há um ponto que pouco se discute: o delivery não é neutro. Ele é mediado por algoritmos que decidem quem aparece primeiro, quais promoções são vistas, qual restaurante ganha relevância. E esses algoritmos não almoçam, eles priorizam métricas, não relacionamentos. Na prática, isso impõe um dilema para os restaurantes. Para garantir visibilidade, é preciso investir em campanhas pagas, aderir a promoções agressivas e aceitar comissões. É uma corrida que favorece quem tem fôlego financeiro e pode comprometer a identidade de cada marca.

Algoritmos não almoçam...3

Essa lógica padronizada pressiona todos, mas impacta de forma desigual: grandes redes conseguem absorver melhor a exigência, enquanto pequenos empreendedores ficam mais vulneráveis. O resultado? A conexão direta com o cliente, construída em décadas de atendimento, cultura de marca e experiência, corre o risco de ser diluída em meio a listas de opções genéricas, em que a relação passa a ser mediada mais pela plataforma – no caso, pelo algoritmo – do que pelo restaurante. O desafio, portanto, é encontrar um ponto de equilíbrio em que o cliente conheça o restaurante, e não apenas uma lista de opções.

Algoritmos não almoçam...4

As plataformas de entrega são parte inevitável do ecossistema, mas devem conviver com estratégias próprias de relacionamento: canais diretos, programas de fidelidade e comunicação personalizada. O consumidor quer conveniência, mas também deseja ser reconhecido, quer sentir que está consumindo de um restaurante, e não apenas de um app. Os restaurantes precisam participar desse debate, hoje entregue aos poderosos orçamentos de marketing das plataformas. A disputa pelo delivery não pode se limitar ao alcance tecnológico: precisa ser também sobre como preservar a identidade das marcas e garantir diversidade no setor em um ambiente cada vez mais mediado por algoritmos.

RECORDAR É VIVER

Arquivo PH



REGISTRO retirado do arquivo de recordações dos momentos mágicos vividos nos belos e elegantes salões de São Luís, no século passado: este Repórter PH (77 anos) entre duas amigas que marcaram época nesta Capital: Lenita Lago Bello (83 anos), que continua sempre bela, e Edna Abreu Itapary (84 anos), que há mais de dez anos saiu de cena e se recolheu ao seu apartamento para se tratar de uma demência neurodegenerativa

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Rosimar Salgueiro ao lado da mesa de doces com o bolo de anivers



Rosimar Salgueiro cortando o bolo de aniversário com o marido José Carlos Salgueiro



José Carlos Salgueiro com a nora Carla Duque e o neto Pedrinho



Carla Duque Salgueiro e Ana Maria Imbroisi



Mércia e Alessandra Salgueiro com Pedro Salgueiro Filho



Rosimar e sua irmã Socorro com Ana Maria Imbroisi



Rosimar e a concunhada Márcia Belfort Salgueiro



Bernadete Sousa e sua filha Mércia Sousa



Rosimar com a amiga Niêde Lima Buhatem

TARDE FESTIVA PARA ROSIMAR

Com uma linda tarde de chá no Champs Mall, na Península da Ponta d’Areia, que oferece uma vista paradisíaca para a baía de São Marcos, a ex-Miss Maranhão Rosimar Guimarães Salgueiro comemorou em grande estilo os seus bem vividos 79 anos. E o fez com uma reunião muito elegante que reuniu um grupo

representativo de suas mais próximas amigas, sua irmã Socorro com as filhas, o marido José Carlos Salgueiro e os filhos, noras e neto. Rosimar era o próprio retrato da alegria curtindo cada detalhe da tarde festiva, que teve boa música, quitutes deliciosos e muita mulheres que fazem mais chique a vida social de São Luís.



Mércia Sousa, Alessandra, Rosimar e Carla Salgueiro



Fernanda Cutrim Mendonça, Rosimar, Valéria Almada Lima e Alessandra Salgueiro



Dayse e sua mãe Ana Maria Dias Vieira com Ana Maria Imbroisi e Silvana Duailibe Abreu



A médica Socorro Bispo



Tatiana Cech e Magela Rodrigues (sobrinhas da aniversariante)



Rosimar com Marisa Moraes Correia Marão



Acássia Santos, Rosimar, Niúra De Déa e Nazaré



Socorro Guimarães Carvalho e Vanessa

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Rosimar e José Carlos Salgueiro com os filhos Glauco (e namorada Mércia), Alessandra e Pedro Salgueiro com a esposa Carla e o filho Pedrinho e a intercambista italiana Francesca Romana



Beatriz com o neto e filho Rodolfo e a aniversariante



Beijo do casal apaixonado



Rosimar e a irmã Socorro Carvalho entre as sobrinhas Magela Rodrigues e Tatiana Cech



Silvana Abreu, Rosimar, Ana Maria Imbroisi e Beatriz Andrade



Rosimar com Socorro Bispo, Fernanda Mendonça, Concinha Prazeres e Marisa Correia Marão



Alessandra Salgueiro e Niêde Lima Buhatem



Rosimar Salgueiro com o filho Pedro e a nora Carla



Rosimar Salgueiro com os amigos de São Paulo, Fábio e Christiana (convidados de Alessandra)



A aniversariante reunida com parentes e amigas

DUAS FACES DO MESMO ROSTO

Memória incomoda quando o contrerrâneo se afasta da cidade e depois se refere à sua origem entre suspiros de saudade.

Para quem fica, é desconfortável ver seu ambiente ser identificado com o passado, desconectado completamente do mundo, como se este pertencesse apenas ao saudoso e não ao que continua no mesmo lugar, mas numa outra realidade.

Há, claro, sobrevivência de hábitos, de prédios, de ruas, mas permanecer na cidade natal é um assunto penoso abordado pelos que emigraram, os que não vivem mais ali e se enchem de mesuras para o que não entendem mais.

Quando resgatamos o que se foi, é preciso ter o cuidado de não identificar as lembranças com a cidade de hoje, bem no miolo do movimento universal e contemporânea em tudo e, em alguns casos, bem mais avançado no seu aspecto civilizatório.

Hoje, cidades médias para pequenas são as jóias da urbanidade, pois com a tecnologia estamos conectados com tudo e vivemos o fim daquele isolamento obrigatório que nos confinava no ermo. Não é mais preciso emigrar.

Mas é fundamental se relacionar de alguma forma com a memória, desde que não criemos ilusões sobre ela nem, num golpe de anacronismo, fizemos transferências equivocadas entre o que vivemos e a realidade do lugar onde nascemos.

A cidade mudou junto com o mundo e é vizinha a tudo o que o outro acha ser exclusivo dele. O fato é que a memória se refere a um universo paralelo, o que convive conosco como uma presença determinante e não sabemos avaliar seu impacto no presente.

No meu caso, fico invocado com os primeiros quatro anos de vida, dos quais tenho imagens nítidas de cenas que permanecem. Sonhei esses tempos com uma praça em Presidente Dutra que não existia. Quando revisei a cidade, recentemente, me apresentaram as imagens desse local que mudou, deixou de ser praça e virou outra coisa.

A cena estava enterrada em mim como um tesouro inacessível. Lembro de diálogos inteiros na minha família e eu era ainda de colo. E misturo mudança de casa, cronologias, imagens reais que talvez tenham sido apenas imaginação.

O que fazer desse acervo a não ser transformar em literatura, já que não domino a psicologia? É o que tenho feito.

Aos poucos, aquilo que ficou forma um mosaico intacto, onde emerge a cidade em seu esplendor vista pela infância. Os desfiles, as roupas, os gestos, as personagens, as histórias, tudo conflui para uma grande celebração interna, muito mais rica do que qualquer romance.

Esse é o lugar onde moramos sempre? Ou tudo não passa de invenção do texto, da crônica que procura cumprir sua tarefa, da vontade de compartilhar com os contrerrâneos o muito que perdemos nos fios entrelaçados de uma vida longa?

Memória, emoção, vida: o tempo é a palavra coração. Nela carregamos o que há de mais precioso e não se trata de bairrismo ou saudade, mas de identidade, a que expomos todos os dias. Nela nos reconhecem, nós os habitantes da cidade que sumiu no tempo e convive com a existente hoje, como duas faces do mesmo rosto.

Votos e promessas

Os melhores votos e promessas que poderíamos fazer nesta ocasião hão de focar-se na firme intenção de aproveitar cada dia do novo ano para nos distanciar do medo e nos aproximar da coragem, porém, devemos cuidar também para que essa coragem não seja cega, nos metendo em encrencas desnecessárias.

O humano corajoso não deixa nunca de ter bom senso e presta muita atenção à intuição, pois, mesmo que faça planos minuciosos de como passar essa festa, quando presente que deve mudar tudo de uma hora para outra e a intuição o confirmar, o fará sem hesitação.

Festejamos o ano novo gregoriano porque esse é nosso direito, mas devemos cuidar para que o usufruto dos nossos direitos não se converta em atitudes insolentes ou brutais, que coloquem em perigo as outras pessoas, só com o intuito de atender aos nossos caprichos.

Silêncio

É nesse túnel que deve se desenhar o poema ainda em silêncio, como um animal ferido. A longa cicatrização imobiliza o gesto, enquanto a palavra estilhaça nos vidros de uma nação que derrapou.

Nesse exílio obrigatório, a morte de Neruda abre uma trilha. Ele identificou-se com a grandeza e a tragédia chilena e tornou-se o mais caro patrimônio do país. Precisamos deixar que ele nos toque com os dedos longos da palavra. Não podemos, entretanto, mergulhar no equívoco de endeusá-lo, nem nos deixar enganar pela maior parte da sua obra póstuma. O que ele mesmo publicou já basta: Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada, Confesso que Vivi, As mãos do Dia, Canto Geral, entre outros livros iluminados.

A propósito, para uma Degustação Literária (Clássicos e obras densas), nossa recomendação para este começo de ano é:

Dom Quixote (Miguel de Cervantes): Uma jornada épica para apreciar em doses, como um bom vinho; Metamorfose (Franz Kafka): Curto, mas denso e reflexivo, para saborear cada parágrafo; e Crime e Castigo (Fiódor Dostoiévski): Uma experiência intensa e profunda, ideal para degustar aos poucos.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Thatiana e Carlos César Bandeira



o Repórter PH com Gil Cutrim e Juliana

NOITE ANIMADA NO BISTROT GRAND CRU

O bistrot Grand Cru, na Ponta do Farol, viveu uma noite especial no último sábado, com muita gente badalada pontificando em grande estilo. Uma das mesas mais animadas era a que reunia a confraria do vinho orquestrada pelo empresário e ex-deputado César Bandeira e Thatiana. Outras figuras conhecidas como o ex-deputado Gil Cutrim e Juliana, Gustavo Adriano Costa

Campos e Patrícia Petrus, Rosário Buenos Aires e Solfière Alavá, Camila e Elias Neto, também pontificavam na noite que tinha como ponto alto o show muito aplaudido da excelente cantora Morgana Storm e sua Banda. Atentos a todos os detalhes para proporcionar um atendimento de excelência, os maîtres Iuri Benone e Ronaldo Barroso.



Morgana Storm brilhou mais uma vez na noite do Grand Cru



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque



Ricardo Miranda e Maria Luiza



Gil Cutrim e Juliana com Rosário Buenos Aires e Solfière Alavá



Flávia e Nilson Frazão Ferraz



Camila e Elias Moura Neto



O Repórter PH sendo atendido por Iuri Benone e Ronaldo Barroso



César Bandeira e o Repórter PH



Patrícia Petrus e Gustavo Adriano Costa Campos



Jorge Cutrim Crespo e Jaqueline Demétrio



André e Elly Jardins



Melina Lídce Jardins com o Repórter e padrinho PH



Joaquim Gonçalves Neto e Cássia Helena Muniz com o Repórter PH, Elly e André Jardins

JANTAR NO “CABANA DO SOL”

Uma noite das mais alegres e agradáveis no restaurante Cabana do Sol, na Ponta do Farol, foi proporcionada por André e Elly Jardins, que comemoravam com uma só festa, com direito a bons vinhos, quitutes deliciosos e um saboroso bolo de aniversário, a nova idade de Elly (aniversariante do dia 2) e da filha Melina

Lídce (aniversariante do dia 3). O casal reuniu um grupo de parentes, amigos, quase todos conterrâneos de Presidente Dutra, para uma noitada em que nada faltou e que teve até um parquinho para as crianças amigas de Melina se divertirem enquanto durou a comemoração.



Joaquim Gonçalves Neto, Francisco e Nazaré Lima, Ana Maria Sá e Cássia Helena Muniz com Fernando e Elyzabethe Sá



André e Elly Jardins com Hugo Cutrim Rocha, as irmãs Mayara e Shayara Melo, Kátia e Célia Jardins (mãe de André)



Joaquim Gonçalves Neto, Francisco Lima, Fernando Gonçalves Sá e André Jardins



O Repórter PH com Carlos Jardins e Romeu Nunes



Elly e Melina Jardins com Victoria Paiva



Clores Holanda e o Repórter PH com Leonardo, Bruno, Melina e Benício



Fernando e Elyzabethe Sá



Nazaré e Francisco Lima



Leonardo Barros e Clores Holanda



Marcella e Thallysson Vilhena



Matheus Soares e Brenda Arouche



FESTA EM GRAMADO

O Hotel Laghetto Stilo Borges Oficial, situado no centro de Gramado, a 3 minutos a pé do Palácio dos Festivais realizou uma animada festa para saudar 20236, com um Réveillon que contou com a presença de um grupo do Maranhão, liderado pela procuradora de Justiça, Mariléa Santos Costa e seu marido, o desembargador do Trabalho

Gerson de Oliveira Costa Filho. O casal, que fez um passeio paradisíaco pela Serra Gaúcha, estava acompanhado dos filhos Gabriel (com a noiva Larissa) e Ana Valéria (com o marido Caio) e o neto Gabriel (com a namorada Juliana).





Presidente da Equatorial Maranhão, Sérgio Túlio, com Esthefany Castro e Fábio Muller do CIEDS



Cristina Muraro (Grupo Equatorial) entre André Araújo e Carlos Afonso Melo (Equatorial MA)

Conexão estratégica no Centro Histórico de São Luís

Em um movimento que combina inovação, responsabilidade social e planejamento operacional, o Grupo Equatorial promoveu o Conexão Equatorial. Um encontro institucional voltado ao fortalecimento do relacionamento com públicos estratégicos e ao compartilhamento das principais iniciativas da

distribuidora, no Maranhão.

O evento foi realizado em dois momentos, na Praça Valdelino Cécio, também conhecida como Praça do Folclore, e no EQT Lab, no Centro Histórico de São Luís, um espaço que simboliza a conexão entre tradição, tecnologia e futuro, marcas

da atuação do Grupo no setor elétrico brasileiro.

E teve como eixo central a apresentação de projetos estruturantes da companhia, alinhados às agendas de operação, sustentabilidade, desenvolvimento humano e eficiência operacional.



Carlos Hubert Oliveira (Equatorial MA) e Jacira Haickel (Blue Tree)



José Domingues Neto (SEDEPE MA), José Jorge Soares (Equatorial MA) e Ten. Duque (24 BIS)



Alan Almeida, Francila Soares, Hyvanna Galucio e Carlos Hubert (Equatorial MA)



Evandro Costa (Rádio Mirante FM) e Cecília Leite (TV UFMA)



César Boaes (TAA) e Jeane Pires (Equatorial MA)



Danielle Vieira (InterMídia Comunicação Integrada) e Raul Mateus



Rayssa Reis, Italo Carvalho, Monique Moraes e César Guimarães



David Col Debella (SEMOSP) e Vanessa Soares (Equatorial MA)



A empresária Lou Marques se despediu de 2025 com chave de ouro. Entre outras coisas, ela recebeu, da Câmara Municipal de São Luís a Medalha 'Simão Estácio da Silveira', honraria concedida anualmente a personalidades que contribuem para o progresso e o bem-estar da cidade. A homenagem partiu da vereadora Clara Gomes, com ela na foto



Dentista Michelle Ribeiro está atendendo em nova clínica, no Edifício Tech Office, na Avenida dos Holandeses



Detalhe da clínica instalada no Edifício Tech Office

Dentista Michelle Ribeiro inaugura nova clínica no Edifício Tech Office

Os clientes da dentista Michelle Ribeiro estão de casa nova. A odontóloga, que não para de investir para ampliar seu portfólio profissional e atender cada vez melhor os pacientes, abriu as portas da nova clínica no Edifício Tech Office, sala 820, na Avenida dos Holandeses. O espaço imprime conforto e sofisticação.

A especialista em Implantodontia diz que o objetivo é proporcionar um atendimento de excelência aos pacientes com o conforto que as novas instalações oferecem.

Ela atende diariamente das 9h às 18h, e aos sábados das 8h às 14h.

Além de São Luís, a doutora Michelle Ribeiro também atende em São Paulo. Entre outras coisas, ela trabalha com guia cirúrgico, dispositivo personalizado impresso em 3D a partir de planejamento digital, que se encaixa na boca do paciente para direcionar com precisão as brocas e outros instrumentos durante a cirurgia de implante dentário, garantindo um posicionamento exato do

implante e tornando o procedimento mais seguro, previsível e rápido, muitas vezes sem a necessidade de cortes e suturas.

No ano passado, a Dra. Michelle Ribeiro concluiu curso com Roberto Viotto, referência nacional em Odontologia Estética e Saúde Bucal e reconhecido como o 'Dentista das Celebridades'. Assim sendo, ela não para de inovar e buscar novos conhecimentos para oferecer um atendimento cada vez mais personalizado e moderno.